

O CORPO FÍSICO E SOCIAL: ALGUMAS IMPLICAÇÕES NA VELHICE

Joselito Santos¹, Tatiana Cristina Vasconcelos², Vânia de Vasconcelos Gico³

Mestre em Ciências Sociais. Docente da Faculdade Santa Maria. Rua Washington Luiz, 164, Bessa, João Pessoa - PB CEP 58035-340. jslito@yahoo.com.br

Mestre em Psicologia. Docente da Faculdade Santa Maria e da UEPB. vasconcelostc@yahoo.com.br

Doutora. Pesquisadora Associada do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. gico@digicom.br

Resumo: O envelhecimento corresponde a uma série de fenômenos interrelacionados que se adensam na dinâmica social, extrapolando a dimensão biológica e refletindo o mundo compartilhado de práticas, crenças e valores. A velhice é, usualmente, concebida como um período de adaptação ou ajustamento às mudanças fisiológicas provocadas em função da idade, da diminuição da capacidade física, da atividade laboral, das transformações do corpo e de outras mudanças que se circunscrevem nesse período. Partindo-se da consideração de que há um híbrido sócio-cultural e biológico nessas noções, o objetivo deste trabalho é problematizar a velhice como dimensão construída na trama das relações sociais, enquanto fenômeno coletivo implicado no corpo. Reflete-se que o envelhecimento é um processo social complexo, não restrito a um ciclo biológico, cronológico e linear, mas a uma etapa longa, desenrolada na via de redefinição dos papéis sociais do idoso e da sociedade.

Introdução

O processo de envelhecimento apresenta variações que são constituídas socialmente nos diferentes grupos sociais, de acordo com a visão de mundo compartilhada em práticas, crenças e valores. A visão clínico-biológica não contempla essa perspectiva, ao diferenciar as fases da vida em infância, juventude, fase adulta e velhice, seguindo uma ordenação linear cronológica de transformações do corpo (HECK; LANGDON, 2002), o que sugere a necessidade de novas abordagens e perspectivas de compreensão sobre o envelhecimento em outras dimensões.

No imaginário social, o envelhecimento é um processo que concerne à marcação da idade como algo que se refere à natureza, e que se desenrola como desgaste, limitações crescentes e perdas físicas e de papéis sociais, em trajetória que finda com a morte. As perdas são tratadas como problemas de saúde, na maioria das vezes, expressas em grande parte na aparência do corpo, pelo sentimento em relação a ele e ao que lhe acontece: enrugamento, encolhimento, descoloração dos cabelos, enfeamento, reflexos mais lentos e menos agilidade. (MOTTA, 2002).

Na literatura gerontológica, a velhice é, usualmente, concebida como um período de adaptação ou ajustamento às mudanças fisiológicas provocadas em função da idade, da diminuição da capacidade física, da atividade laboral, das transformações do corpo e de outras mudanças que se circunscrevem nesse período, noções carregadas de idéias de fragilidade.

Ao abordar esses aspectos, recorre-se à compreensão de d'Epinay (apud BASSIT, 2002), quando considera que a maneira pela qual uma pessoa vive a sua vida é organizada com base em imagens e representações. A vivência das

condições de vida de uma pessoa é sempre uma experiência subjetiva, porque é organizada segundo crenças, valores, representações e conceitos, que poderiam ser reunidos na construção do processo cultural.

Sob essas considerações, o objetivo do trabalho é problematizar a velhice, visando refletir sobre a sua dimensão física e social.

Metodologia

Trata-se de um trabalho crítico reflexivo sobre a velhice na sociedade contemporânea, com uma abordagem sócio-antropológica.

Do ponto de vista teórico, considera-se a dialética do processo sócio-histórico que caracteriza os percursos humanos e a vida em sociedade, partindo-se da noção de que a velhice é constituída de diversos fenômenos, sendo o biológico um deles e não o único.

Defende-se que a velhice está contida na dimensão sócio-cultural e biológica, sendo construída na trama das relações sociais, enquanto fenômeno coletivo, implicado no corpo, considerado elemento erigido física e socialmente.

Resultados

Constata-se que o envelhecimento é um processo social complexo, não restrito a um ciclo biológico, cronológico e linear, mas vinculado a uma etapa longa, desenrolada na via de redefinição dos papéis sociais do idoso, da própria juventude, bem como da sociedade, enquanto cenário que veicula o ideal de homem na confluência ou divergência entre um e outro. Desse modo, envelhecimento significa a redefinição dos papéis sociais e é uma noção/prática/saber circulante, desde o

(re)dimensionamento do corpo, da concepção de faixas etárias, dos ciclos de tempo até as diversas compreensões e conflitos operados na dimensão social por onde ocorre a redefinição do que é ou não a melhor idade, numa sociedade industrializada e tecnológica, como pode ser observado nos trabalhos de Bosi (2006); Helman (2006); Minayo; Coimbra Jr. (2002); Motta (2002); Olivestein (2001), Debert (1999).

Neles percebe-se que a noção de velhice não está reduzida à esfera biológica, e que entendê-la apenas nesse nível significa reduzi-la e não analisá-la em sua complexidade, ou seja, sem levar em consideração a implicação dos fatores psicológicos, sociais, econômicos e culturais.

A priorização da condição biológica como a formadora do comportamento e da saúde do indivíduo é equivocada, já que os indivíduos não se sentem velhos em todos os contextos. Acrescente-se a isso, o fato inequívoco de que, socialmente, a velhice alcança visibilidade em função do “volume e da densidade populacional para os mais velhos” que requer “atenção e cuidados sociais, e passa a contar com reivindicações desse segmento e também de mudanças institucionais”. (LOPES, 2000, p.23).

Essas implicações suscitadas pela velhice são processadas nas esferas individual e coletiva, que também refletem o contexto intergeracional e as condições que se operam nas relações entre os distintos personagens sociais, desde os jovens até os idosos, o que a caracteriza como categoria carregada de forte significação social.

Como bem assinala Bosi (2006), “a velhice é uma categoria social” e “tem um estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem”. Para ela, a sociedade industrial é maléfica para a velhice, rejeita o velho e não lhe oferece nenhuma sobrevivência pela obra que ele construiu.

A reflexão da autora sobre a memória de velhos leva-nos à reflexão sobre o tipo de sociedade que construímos e sobre o tipo de prestígio dado aos mais experientes, ou às pessoas mais maduras, que poderiam contribuir de maneira significativa para as nossas vidas, mas que são lançadas numa via marginal. À margem social, o que se vê é uma realidade incômoda e uma sociedade pouco preocupada com seus velhos; da criança ao adulto, os olhares são, em geral, cheios de preconceitos.

Para Helman (2006), a falta de reciprocidade e de tolerância caracteriza a relação do adulto com o velho, porque não se discute e nem se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Tal postura acaba impedindo o diálogo, banindo o velho.

Olivestein (2001), ao buscar respostas para o nascimento da velhice, fala de sua própria experiência de velho e provoca uma reflexão sobre esse período da vida humana. Para ele, esta é mais que uma realidade objetiva; é uma realidade existencial plena e uma experiência inquestionável, e, ao mesmo tempo, é um dos dilemas que perseguem o homem e do qual não pode escapar. A velhice, como uma condição inalienável do processo vital, mesmo que os indivíduos não a desejem, é uma das prerrogativas do existir ou não, porque, mesmo que o sujeito não se atribuía características boas ou ruins, os outros ou algum outro o fará, ainda mais em um mundo industrializado e cheio de especializações, no qual a fragmentação leva, via de regra, a exaltação de parte, a juventude, de um todo, a vida.

Na experiência do envelhecimento convive-se com o olhar de fora, o olhar do outro, numa sociedade que sempre olha para fora e nunca para dentro. Descortinada a condição de velho, é o momento de entrar num mundo de mudanças fisiológicas, psicológicas e sociais, para muitos, de declínio. Carregado pelas imagens sociais que o mundo libera e prega, o indivíduo idoso convive com uma série de situações desconfortáveis, que vão desde o reconhecer-se como velho ao ser reconhecido como tal. A partir desses olhares, o sujeito idoso deve tentar compatibilizar a sua experiência com os atributos que a sociedade o impõe, sendo o envelhecimento essa experiência carregada de significados e dependente do contexto social mais amplo que o define.

Discussão

Os valores humanos são construídos na sociedade ao longo de sua história, definindo os padrões de relacionamentos e estabelecendo as desiguais e injustas relações sociais, sobretudo, num mundo onde a valorização da força de trabalho exclui grande parte das pessoas que já alcançaram uma certa idade.

Essa “certa idade”, como processo natural da existência humana, significa, infelizmente, uma ruptura com o modelo pré-concebido e pré-julgado de indivíduo produtivo, já que a idéia de vida moderna é perseguida pela idéia de produção, representando o produzir uma idéia-vínculo necessária do homem com a vida. Através dessa idéia, crer-se que, se o indivíduo não cabe dentro de um determinado protótipo social ao qual possa vincular-se, também não lhe caberá qualquer ofício; ele estará fora, por ser considerado improdutivo, por ser idoso.

A propósito dos olhares sobre a velhice, chama-nos a atenção a maneira como Rubem Alves (2001) a trata, refletindo sobre a idade como as cores do crepúsculo, apontando para a

existência de uma estética do envelhecer. O indivíduo, diante de si e das realidades em seu entorno dá-se conta de um mundo a descobrir, a descortinar: a velhice. O escritor provoca um exercício de resignação no sentido de descobrir-se e sentir-se na velhice tal como ela é: bela, tal como ela é: tempo, tempo fugidio e belo.

“Tempus fugit... Sim, o tempo foge sem parar. Mas, por convenção, só nos lembramos disso em datas especiais. Minha data chegou. Mudaram-se os meus números. Oficialmente fiquei mais velho. [...] Sessenta e oito anos! Nunca imaginei que isso iria me acontecer. Mas aconteceu. Fiquei velho. Não é ruim. A velhice tem uma beleza que lhe é própria. A beleza das velhas árvores é diferente da beleza das árvores jovens. O triste é quando as velhas árvores, cegas para a sua própria beleza, começam a imitar a beleza das árvores jovens. Aí acontece o grotesco”... (ALVES, 2001, p.77).

O olhar se lança sobre a experiência do belo percebido na velhice. Lança-se também sobre o continuar vivendo a velhice como tempo de sabedoria, de resistência e do não se deixar cessar.

“Cuidei para que não se apagassem velas. O apagar das velas seguido de palmas e riso é um ritual sinistro. O sopro assopra a vela. A vela resiste. Recusa-se. Não quer ser apagada. Novo sopro, mais forte. Até que o sopro triunfa: a vela é derrotada. Só resta a fumaça... Bom mesmo seria que a chama só se apagasse quando a vela chegasse ao fim. Mas nunca se sabe... Há sempre os ventos súbitos, inesperados... Preferiria que o ritual fosse outro: plantar uma árvore. Os jovens plantariam árvores na esperança de comer seus frutos e balançar nos seus galhos. Os velhos plantariam árvores sonhando com seus netos comendo os seus frutos e balançando nos seus galhos. [...] A velhice pode ser o tempo da sabedoria. Isso se não lutarmos contra o tempo. [...]” (ALVES, 2001, 77-78).

A poesia de Rubem Alves conduz à reflexão sobre o saber viver a velhice, formando com ela uma parceria de saberes, pactuando desejos e sonhos, também sobre interações geracionais, reconhecendo a velhice como passagem, transcendência do eu para as outras pessoas de um futuro que se avizinha, desde ontem mesmo.

Entretanto, essa noção depende de diversas configurações sócio-históricas, que valorizam ou não esse olhar de sapiência. Não é esse o caso do mundo moderno, onde ocorre uma acentuada luta contra o tempo, como se fosse possível matá-lo e, paradoxalmente, mantê-lo produtivo no compasso de uma velhice tida como não produtiva, por isso exclusiva. Simultaneamente, imagina-se a possibilidade de uma eterna juventude, que se torna realidade através de diversas tecnologias para retardar o envelhecimento e ajudar as pessoas a continuar

sonhando com o elixir da imortalidade. Ao sofrer diversas especulações, mudanças e possibilidades, a velhice resulta, em grande medida, da convergência de diversos olhares e várias tecnologias que se processam pelos inúmeros e distintos espaços sociais, através dos quais adquire significado.

Quando Helman (2006) alude que a velhice é uma categoria construída social e culturalmente, apóia-se nos antropólogos que vêm demonstrando que o envelhecimento biológico não é o mesmo que o social ou o psicológico, bem como a importância atribuída ao idoso está na dependência das características de cada sociedade.

Como bem aponta Helman, o respeito ao velho é bem maior nas sociedades tradicionais que nas ocidentais. “Especialmente em sociedades não-alfabetizadas, os velhos são repositórios vivos da história oral e de tradições antigas, de hábitos culturais, convicções, mitos e conhecimentos rituais especializados. Nessas circunstâncias, a morte inesperada de um velho respeitado equivale-se ao efeito de uma biblioteca que se queima em uma sociedade alfabetizada e desenvolvida”. (HELMAN, 2006, p.18).

Essa valorização, segundo a autora, correspondente ao velho nas sociedades tradicionais, e não é a mesma nas sociedades ocidentais industrializadas, por enfatizarem a juventude, a produtividade, o individualismo, a autonomia e o autocontrole, e por não tolerarem os velhos, muitas vezes.

Todos esses fatores estão num contexto amplo de modernização econômica, de queda na taxa de natalidade, de mudança de papéis, de relação de gêneros e de mobilidade das populações. Ao mesmo tempo, o envelhecimento da população é um desafio constante e crescente para a atenção médica, cujo tratamento atual privilegia as soluções rápidas e requer novos olhares sobre outros problemas que se desdobram no processo de envelhecimento.

Um mundo em que um número cada vez maior de pessoas sofre de doenças crônicas (físicas e mentais) exigirá uma mudança significativa no paradigma médico, afastando-se dos tratamentos agudos e mais dramáticos em direção a um gerenciamento de longo prazo, mais holístico – ou seja, da “cura” para o “cuidado”. (HELMAN, 2006, p.19).

A essa percepção, acrescentamos uma outra: o envelhecimento concebido como uma noção espaço-temporal do corpo. Através da percepção do tempo e do espaço categoriza-se as fases da vida, quase sempre, numa linearidade matizada no corpo, como se todas as pessoas respondessem a um critério único e se a vida individual e coletiva coubesse numa série de ciclos

vitais independentes, e não em etapas sucessivas, interdependentes.

As experiências do envelhecimento se adensam na experiência do corpo. Suas sensações ocorrem dentro e fora dele, intra e extra corporalmente. Adicionar a noção tempo-espaco a ambos é vinculá-los a uma construção e às funções sociais que desempenham. Pode-se aludir que temos um corpo individual e um corpo social, bem como temos um envelhecimento individual e um social. Desse modo, as impressões mais amplas sobre o envelhecimento não se dariam pela simples consciência de um corpo que se torna menos hábil e mais débil com o passar dos anos, mas no olhar do outro, nas interações sociais que se processam na própria dinâmica social, em que as experiências sociais levam os indivíduos a valorizar mais determinados atributos físicos que outros, a valorizar determinada categoria de idade que outra, pelas marcas do tempo em cada pessoa. Entretanto, a categoria envelhecimento não está resumida a termos como desgaste, desequilíbrio, desajuste, disfunção e outros, mas adensada nas expressões do corpo e nas impressões que ele causa e nas que os indivíduos o atribuem.

Tem-se assim, que o envelhecimento ocorre por razão de um corpo. Helman (2006) nos ajuda a compreender essa questão um pouco mais, quando aborda que “cada ser humano tem, simbolicamente, dois corpos: um corpo individual”, que é físico e psicológico, adquirido ao nascer; e um corpo social, “necessário para se viver em determinada sociedade e grupo cultural”. (p.27).

Reflexões finais

Sob a consideração de um envelhecimento elaborado na esteira do biológico e do sócio-cultural, no contexto de uma racionalidade técnica, presente na experiência da vida social cotidiana, é possível aludir que a própria idéia de corpo mantém correspondência com esse pensamento, se refletida como expressão relacional entre juventude e envelhecimento, acrescentando-se uma outra: a ditadura do corpo jovem. O corpo, então, vincula-se a ambas as categorias etárias e sofre inúmeras pressões para corresponder aos padrões corporais veiculados e partilhados socialmente: um corpo representando o produtivo e o belo, e o outro, não, porque velho e, por isso mesmo, marginalizado. Desse modo, o corpo pertencente a um tempo contínuo é tomado pela noção de descontinuidade, cuja compreensão de tempo vivido é sinonímica de disparidade e oposição. Dependendo do tempo vivido, o corpo e/ou suas características devem/carecem ser evitados, refeitos ou recusados, sem ser considerada a relação de complementaridade de todo o ciclo de vida.

A velhice como um registro contido e elaborado no corpo social, inscreve-se, de forma marcante, na cultura contemporânea, através da qual são definidas formas sucessivas e descartáveis de tempo e de pessoas. Nela, o homem sofre a pressão do tempo social sobre seu corpo e busca ajustamentos, conforme suas necessidades, possibilidades e condições, por causa da idade, da saúde/doença, também por causa da busca de juventude, através de uma série de impressões culturais compartilhadas a respeito de atributos físicos e anatômicos, correspondentes ao desejo que a própria sociedade explora, dissemina e pretende alcançar.

Referências

- ALVES, R. **As cores do crepúsculo**: a estética do envelhecer. 5. ed. Campinas: Papirus, 2004.
- BASSIT, A.Z. História de mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice. In: MINAYO, M.C.S.; COIMBRA Jr., C.E.A. (Orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002, 175-189.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DEBERT, G.G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: EdUSP/FAPESP, 1999.
- HECK, R.M.; LANGDON, E.J.M. Envelhecimento, Relações de gênero e o papel das mulheres na organização da vida em uma comunidade rural. In: MINAYO, M.C.S.; COIMBRA Jr., C.E.A. (Orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002, 129-151.
- HELMAN, C.G. **Cultura, saúde & doença**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LOPES, R.G.C. **Saúde na velhice**: as interpretações sociais e os reflexos no uso do medicamento. São Paulo: EDUC, 2000.
- MINAYO, M.C.S.; COIMBRA Jr., C.E.A. (Orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002, 37-50.
- MOTTA, A.B. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, M.C.S.; COIMBRA Jr., C.E.A. (Orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002, 37-50.
- OLIEVENSTEIN, C. **O Nascimento da velhice**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.